

2



C E S 2 0
CENTRO DE ESTUDOS
DO SÉCULO XX
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ESTUDOS DO SÉCULO XX

EUROPA-UTOPIA | EUROPA-REALIDADE

número 2 - 2002



Quarteto

Direcção da Revista

Luís Reis Torgal (director)
Luís Oliveira Andrade (secretário)
Maria Manuela Tavares Ribeiro (coordenadora)

Conselho Editorial

Alda Filipe (ESE de Leiria); Alexandre Ramires (Escola Secundária Jaime Cortesão); Amadeu Carvalho Homem (FLUC); Ana Leonor Pereira (FLUC); António Gomes Ferreira (FPCEUC); António Pedro Pita (FLUC); António Simões Rodrigues (DREC); Ariane Landuyt (Universidade de Siena); Armando Malheiro da Silva (Universidade do Porto); Bernard Vincent (École des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris); Carlos Cordeiro (Universidade dos Açores); Carlos Eduardo Pacheco do Amaral (Universidade dos Açores); Christel Henry (Universidade do Minho); Francisco Falcon (Universidade Federal do Rio de Janeiro); Heloísa Paulo (Universidade Federal do Rio de Janeiro); Hipólito de la Torre Gómez (UNED-Madrid); Isabel Nobre Vargues (FLUC); Jaime Ferreira (FEUC); João Rui Pita (FFUC); Joaquim Ramos de Carvalho (FLUC); José Maria Amado Mendes (FLUC); Luís Andrade (Universidade de Aveiro); Luís Reis Torgal (FLUC); Manuel Prata (ESE da Guarda); Maria Manuela Tavares Ribeiro (FLUC); Mário Reis Marques (FDUC); Nuno Porto (FCTUC); Nuno Rosmaninho Rolo (Universidade de Aveiro); Richard Robinson (Universidade de Birmingham); Teresa Cascudo (Universidad de La Rioja); Vítor Neto (FLUC).

Redacção

Investigadores do CEIS20

Assessoria Técnica

Isabel Maria Luciano

Capa

wta, comunicação

Execução Gráfica

Grafismos - Pedro Bandeira

Edição

CEIS20
R. Augusto Filipe Simões, 33
3000-186 Coimbra

ceis20@ci.uc.pt
<http://www.uc.pt/ceis20>

Quarteto Editora

Rua Adriano Lucas
Arroteias, lote 3
3020-430 Coimbra
quarteto_editora@ip.pt
<http://quarteto.regiaoocentro.net>

Impressão

Imprensa de Coimbra

ISSN: 1645-3530

Depósito Legal: 175 609/02

A responsabilidade dos textos é dos autores.

Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia,
Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III

Índice

A Matria Europa - Maria Manuela Tavares Ribeiro	7
Miguel Baptista Pereira	
<i>Utopia e apocalíptica nos caminhos da existência</i>	11
Adriano Moreira	
<i>A Europa da Utopia e a Outra Europa</i>	61
Gérard Bossuat	
<i>Jean Monnet ou l'anti-utopie</i>	83
Maria Manuela Tavares Ribeiro	
<i>A Europa dos Intelectuais nos alvares do século XX</i>	109
Maria das Graças Ataíde de Almeida	
<i>A Europa vista por brasileiros nos anos 30. A visão do paraíso</i>	135
Luís Reis Torgal	
<i>"Muitas Raças, Uma Nação" ou o mito de Portugal multirracial na "Europa" do Estado Novo</i>	147
Rui Bebiano	
<i>Geografia instável de uma cultura juvenil de oposição</i>	167
José Amado Mendes	
<i>Museologia e identidade: que Europa através dos Museus?</i>	197
António Simões Rodrigues	
<i>Um manual de História da Europa. A construção de uma utopia?</i>	213
João Rui Pita e Ana Leonor Pereira	
<i>A Europa científica e a farmácia portuguesa na época contemporânea</i>	231
Alfredo Marques	
<i>Integração e disparidades regionais na UE.</i>	
<i>Nota sobre a política comunitária de coesão</i>	267

Recensões críticas e notas de leitura	287
José Maria Rodrigues da Silva, <i>Democracia ou Telecracia? Uma Nova Ideologia</i> (Lisboa, Chaves Ferreira-Publicações, 1999) - João Marques	289
Emma Barker (ed.), <i>Contemporary Cultures of Display</i> (New Haven e Londres: Yale University Press em associação com a Open University Press, Colecção “Art and its Histories”, 1999) - Filipa Vicente	292
Joaquim Vieira (dir.), <i>António Oliveira Salazar</i> (Fotobiografias. Século XX. Lisboa, Círculo de Leitores, 2001) - Luís Reis Torgal	302
Cláudia Castelo, “<i>O Modo Português de Estar no Mundo</i>” – <i>O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)</i> (Porto, Edições Afrontamento, 1999) - Sérgio Neto	310
Maria Manuela Tavares Ribeiro (coord.), <i>Identidade Europeia e Multiculturalismo</i> (Actas do Curso Intensivo, 26 de Fevereiro - 7 de Março de 2002, n.º 2 da Colecção ‘Estudos sobre a Europa’, Coimbra, Quarteto Editora, 2002) - Roberto Barzanti, Mario Ascheri e Juan C. Gay Armenteros	314
<i>Portugal e a Construção Europeia</i> , org. de Maria Manuela Tavares Ribeiro, António Moreira Barbosa de Melo, Manuel Carlos Lopes Porto (Coimbra, Livraria Almedina, 2002) - Maria Manuela Tavares Ribeiro e António Barbosa de Melo (textos de apresentação)	329
CEIS20 - Organização e actividades	335
Resumos	355

A Europa dos Intelectuais nos alvores do século XX

Maria Manuela Tavares Ribeiro

Maria Manuela Tavares Ribeiro é Professora da Faculdade da Letras da Universidade de Coimbra, Vice-Coordenadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) e Coordenadora do grupo de trabalho «Relação de Portugal com a Europa e o Mundo, as Comunidades Portuguesas e os Países de Língua Portuguesa» do CEIS20.

A Europa em crise e a idealização do futuro

É importante sublinhar que os grandes conflitos europeus exerceram um papel maior e fundamental na determinação de novas atitudes da *intelligentsia* europeia. Assim, a I Guerra Mundial fez emergir outras reflexões e diferentes práticas das elites intelectuais. É que ela suscitou e estimulou o debate sobre os valores europeus e colocou o problema do equilíbrio do próprio continente: dos meios de garantir a paz, do papel e do lugar das nações num intercâmbio necessário e numa imprescindível colaboração¹. Gaston Riou, na sua obra *S'unir ou mourir*, de 1929, evoca a União europeia como uma «impérieuse nécessité»². O conflito incitou alguns intelectuais, particularmente sensíveis à crise da civilização, a repensar de maneira penetrante as identidades e a identidade europeia.

Direitos do homem, laicidade, antimilitarismo, pacifismo são alguns dos princípios e conceitos sobre os quais se centram os intelectuais nas primeiras décadas de XX. São sobretudo intelectuais de esquerda que, através das Ligas Nacionais dos Direitos do Homem, das lojas maçónicas, das associações de livre-pensamento, dialogam e se entrecruzam. Lembre-se, a título de exemplo, os protestos contra a execução de Francisco Ferrer, em Espanha, em 1909, que mobilizaram os intelectuais e os universitários do mundo inteiro³.

Atente-se que, neste período, as noções de progresso, de ciência e de cultura se interligam com a própria noção de Europa, mesmo que isso não seja dito expressamente. A verdade é que tal asserção pode deduzir-se da política de vários governos europeus que criam organismos e, através deles, das elites que importam e divulgam novas tecnologias no território nacional ou desenvolvem no estrangeiro, (sobretudo na Europa), instituições responsáveis pela promoção e difusão da cultura nacional e da modernidade técnica, ideológica e política. Nesta multiplicação de iniciativas, particularizam-se alguns países europeus que visam difundir uma cultura (no sentido amplo do termo) por intermédio de centros culturais, de criação de cursos, de

¹ Elizabeth du Réau, "Le modèle européen occidental. Genèse, transitions, mutations au XX^{ème} siècle", in *Dynamiques et Transitions en Europe. Approche pluridisciplinaire*, sous la direction de Claude Tapia, Berna, Peter Lang, 1997, pp. 15-23.

² Gaston Riou, *S'unir ou mourir*, Paris, Valois, 1929.

³ Francisco Ferrer (1859-1909), pedagogo, foi fuzilado durante os tumultos da "Semana Trágica", perante os protestos dos liberais, dos socialistas, de professores universitários.

missões, etc. Porém, nos países menos favorecidos, como Portugal, essa abertura a tais influências e a participação nessas práticas eram, nos primórdios do século XX, muito ambíguas. É certo que a Europa era vista e concebida como um modelo, mas também como uma ameaça à identidade nacional. Estas ideias, mediatizadas por outros argumentos, foram objecto de um insistente debate, concretamente nas primeiras décadas do século passado, por exemplo, em Espanha. Uma questão sistematizada sobretudo pelas elites nacionais. Para a maioria delas, a homologação europeia da Espanha, através da assimilação dos progressos científicos dos principais países do continente, foi um impulso de regeneração nacional e um fermento de europeísmo, mas para outras, menos numerosas, é certo, ela impõe, em simultâneo, uma defesa e uma ofensiva contra um certo materialismo e “vazio de alma”. Esta afirmação pode exemplificar-se nas duas fórmulas antagónicas: a de Ortega y Gasset: “europeizar a Espanha” e a de Miguel Unamuno: “espanholizar a Europa”⁴.

⁴ *Identité et conscience européennes au XX^{ème} siècle*, Paris, Hachette, 1994, p. 143 e Elisabeth du Réau, *L'idée d'Europe au XX^{ème} siècle. Des mythes aux réalités*, Paris, Éditions Complexe, 1996, *passim*.

Como se sabe, nos anos oitenta do século XIX, os nacionalismos evoluíram, em alguns Estados europeus, no sentido de um poder dominador (colonial e europeu), ou na base de um movimento de emancipação. Quer isto dizer que a política pangermanista (colonial e continental), na qual a questão da *Mitteleuropa* constituiu um dado importante, e as preocupações paneslavistas (como o acesso aos mares ocidentais e ao espaço balcânico), justificadas a nível económico e geoestratégico, colocaram a Europa numa situação de confrontos e de conflitos, de “lógica de guerra” – que conduziria ao conflito de 1914-1918.

Neste clima esvaiu-se ou não a ideia de Estados Unidos da Europa proclamada por Victor Hugo em 1849, no Congresso da Paz, em Paris, e alimentada por muitos intelectuais estrangeiros e portugueses do século XIX? Ao invés, o clima de tensão e de conflitos estimulou-os na reflexão sobre a paz na Europa. Mas que Europa?

De facto, já no Congresso Internacional da Paz, em Roma (1891), e nas Conferências realizadas em Haia, em 1899 e 1907, se aduziram razões e se estabeleceram

estratégias, relançando-se a ideia da reorganização de uma estrutura unitária europeia num panorama de ambição universalista. Posições fortes em prol do desarmamento, da criação de instâncias de arbitragem internacional, protagonizadas em encontros europeus e internacionais, foram verdadeiras marcantes.

Na verdade, no debate gerado durante o Congresso de Ciências Políticas, em Paris, organizado em 1900, concluiu-se, através das vozes de Gaston Isambert e Anatole Leroy-Beaulieu (1842-1912), que só através da união europeia se atingiria a paz. Nesta linha, pode referir-se, entre outros exemplos, o fermento pacifista da política papal de Leão XIII e, em particular, do Papa Bento XV (1914-1922). Também um intelectual português (republicano, socialista e federalista), Sebastião de Magalhães Lima (1850-1928) incarnou um ideário pacifista e foi talvez o mais fervoroso e persistente apóstolo da ideia federal em Portugal na transição do século XIX-XX⁵. Na esteira do pensamento de Charles Lemmonier, director do jornal *Os Estados Unidos da Europa* (1871) e autor de uma obra homónima (1.ª ed. 1872), Magalhães Lima divulga-o ainda através da tradução que dá a público em 1874.

Em *La Fédération Ibérique* (1893), este intelectual português acentua, por um lado, a necessidade de uma confederação ibero-americana, mas, por outro lado, não escamoteia a futura autodeterminação das colónias africanas. Ele acreditava numa Europa federada cujos conflitos seriam geridos por um Tribunal Arbitral Europeu. Ideia esta já postulada pela Liga Internacional da Paz e da Liberdade e que se tornaria uma certeza após a Conferência Internacional da Paz, em Haia, em 1898, em que se destaca a presença de Léon Bourgeois (1851-1925), Prémio Nobel da Paz em 1920.

Na óptica de Magalhães Lima, e como escreve em *O Livro da Paz* (1895), *Paz e Arbitragem* (1897), *O Federalismo* (1898), *A Paz e a Guerra* (1900), o pacifismo deveria vencer pela justiça, pelo desarmamento, pela federação dos povos.

Esta insistente propaganda federalista e pacifista está intrinsecamente relacionada com o quadro político plurisse-

⁵ Maria Rita Robles Monteiro Lino Garnel, *O Pensamento de Sebastião de Magalhães Lima*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1997 (tese de mestrado dactilografada).

cular: – o contencioso franco-germânico e a situação nos Balcãs e na África Austral e do Norte.

É sintomático, por exemplo, que o prémio Nobel da Paz tenha sido instituído em 1895, que os Jogos Olímpicos tivessem sido recriados em 1896 e que o Esperanto tenha sido anunciado em 1897.

Em Junho de 1900, muitos intelectuais reúnem-se na École Libre des Sciences Politiques e celebram o já referido Congresso de Ciências Políticas, cujo tema de discussão, apresentado por Anatole Leroy-Beaulieu, incidiu sobre *Os Estados Unidos da Europa*. Que Europa? Que modelo para a Europa? Federação ou Confederação? Questões equacionadas numa profícua análise em que se destacou a voz sonante de Gaston Isambert e de muitos outros intelectuais franceses. Mas esta profunda reflexão não se confinou, como bem se sabe, às fronteiras francesas, nos primórdios do século XX⁶.

⁶ Philippe Mioche, *De l'idée européenne à l'Europe XIX^{ème} - XX^{ème} siècle*, Paris, Hachette Livre, 1977 e *L'Europe? L'Europe*. Textes réunis par Pascal Ory, Paris, Omnibus, 1998. Leia-se Maria Manuela Tavares Ribeiro, “Os Intelectuais e a Ideia de Europa”, in *Actas do Colóquio Portugal e a Construção Europeia*, 23-24 Novembro 2001, Coimbra, Almedina, 2002, pp. 31-39.

A verdade, porém, é que as esperanças de união tão desejadas e esses sonhos internacionalistas se goraram perante o fulgor dos “imperialismos”, que se iriam confrontar com fria violência em nome de uma concepção total da sua própria soberania.

O forte cepticismo e o sentimento de decadência – de crise – vividos nas últimas décadas do século XIX, e projectados nos discursos dos intelectuais –, na literatura, na filosofia, na história, nas artes –, puseram também em evidência os perigos que ameaçavam a Europa. Relembre-se, a propósito, a crise global, o trauma psicológico e mesmo a crise de identidade nacional que se agudizou nas décadas finiseculares em Portugal (questão económico-financeira, social, cultural e colonial). Entre os seus intérpretes salientam-se os intelectuais portugueses, Antero de Quental, Eça de Queirós, Teixeira de Pascoais, Oliveira Martins, e, já no dealbar do século XX, Fernando Pessoa, Almada Negreiros e outros modernistas. Pensadores cujas reflexões se centraram também sobre a ideia de Europa.

Mas o tema da decadência, da crise da Europa e do declínio do Ocidente é coexistente com as primeiras manifestações realistas da construção europeia. Sejamos

mais explícitos. Os projectos que irão surgir após a Segunda Guerra Mundial têm já as suas raízes nas duas primeiras décadas do século XX. Assim sendo, deve valorizar-se a efervescência intelectual e o papel activo dos mentores desses movimentos neste período temporal.

É bom lembrar que o tema da crise, do declínio, mas também da regeneração da Europa, fora já perspectivado pelos pensadores alemães do século XIX, ideia que emana das concepções organicistas dos românticos e dos pensadores da época bismarkiana marcadas pelas teorias de Schelling e Franz von Baader. Entre esses projectos do fim de oitocentos saliente-se, a título de exemplo, o de Jacob Burkhardt (1818-1897). A ideia de Europa fundamenta-se, na sua óptica, no justo equilíbrio do espírito, da liberdade, da diversidade. Segundo este filósofo, os valores humanistas são a quintessência da cultura europeia: diversidade, liberdade, espiritualidade. Mas estes valores, princípios constitutivos da identidade dos povos são, por sua vez, vulneráveis. E aquele pensador denuncia as ideias modernas: o nacionalismo, a democratização. Também Friedrich Nietzsche (1844-1900), mais iconoclasta que o seu mestre e colega, constrói a ideia de Europa sobre outros valores – a herança do helenismo, por um lado, o repúdio do cristianismo, gerador de decadência, de corrupção, por outro lado. Este filósofo descreve esse processo de decomposição do homem e da civilização, que denomina niilismo, e de que o wagnerismo é, a seu ver, a expressão mais nociva. Nietzsche anunciava, todavia, a “super-humanidade”. Assim, o pensador evoca o século futuro – o século XX – como o século trágico. E se escarpeliza as ideias de crise e de declínio, sublinha, porém, a regeneração possível – ou seja, a união dos europeus, a futura renovação da Europa através da prática de uma ética do humanismo dos “espíritos livres”⁷.

Depois de Nietzsche, e antes dos grandes conflitos do século XX, outros intelectuais alemães reflectiram sobre esse estado de degenerescência e denunciaram claramente uma atitude pessimista. Entre eles: Thomas Mann (1875-1955), na sua obra *Buddenbrooks* (1901); Rudolf Pannwitz (1881-1969) evoca o “homem pós-moderno” em *Die Krisis*

⁷ «Der Antechrist», in *Oeuvres de Nietzsche*, Munchen, Karl Schlechta II, 1954-1956, p. 1230. Veja-se Christophe Prochasson et Anne Rasmaussen, *Au nom de la patrie. Les intellectuels et la Première Guerre Mondiale (1910-1919)*, Paris, Éditions La Découverte, 1996 e Caroline Brossat, *La culture européenne: définitions et enjeux*, Bruxelles, Bruylant, 1999, pp. 23-24.

⁸ Veja-se sobre estes e outros autores alemães a obra de Jean Nurdin, *L'idée d'Europe dans la pensée allemande à l'époque bismarckienne*, Berne, Peter Lang, 1980 e “Les intellectuels allemands et l'identité culturelle de l'Europe”, in *L'identité culturelle, laboratoire de la conscience européenne. Actes du colloque international organisé à l'Université de Franche-Comté les 3, 4 et 5 novembre 1994*, réunis et édités par Marita Gilli, Paris, Diffusion Les Belles Lettres, 1995, pp. 261-266. Sobre o papel dos intelectuais na I Guerra Mundial pode ler-se, entre outros, Jean-Jacques Becker, *L'Europe dans la Grande Guerre*, Paris, Éditions Belin, 1996, pp. 135-140.

der europäischen Kultur (1917) e H. Hesse (1877-1962) fala do homem europeu moribundo, do homem com vontade de morrer no *Blick ins Chaos* (1919).

É também a época do austríaco H. von Hofmannsthal (1874-1929), que medita sobre a crise da civilização. Na sua óptica, a noção de Europa ensombrara-se no materialismo utilitarista. Como afirma, o homem da técnica é um “aprendiz feiticeiro”⁸.

As teorias destes intelectuais viriam a ser retomadas, embora de uma forma mais controversa, por Oswald Spengler (1880-1936), filósofo alemão que escreve, em 1918, a conhecida obra *Der Untergang des Abendlandes*, que se fundamenta na concepção cíclica da evolução das civilizações. Nela, o autor demonstra muito explicitamente como a civilização ocidental se encontra na fase de declínio. Com isto quer dizer que tal declínio é essencialmente marcado pelo predomínio dos nacionalismos, da técnica industrial, do progresso. Spengler encorpora em Fausto a expressão de toda a história da Europa – a degenerescência da cultura viva e criadora e o fortalecimento da civilização artificial, mecanicista e desumanizada.

Durante a Primeira Guerra Mundial outros grandes intelectuais de língua alemã se preocuparam em analisar a ideia, a identidade e a consciência europeias. É o caso de Heinrich Mann (1871-1950), figura destacada da esquerda intelectual durante a república de Weimar, que no seu artigo de 1916, *Der Europäer*, interpreta o “génio da Europa” como o somatório dos princípios da razão, da liberdade, do direito, mas também do espírito prático e do amor ao trabalho. De facto, na sua linha de pensamento, a Europa herdara da cultura grega a revolta da razão e a dignidade do espírito humano. Ou seja, em plena guerra, aquele pensador conclui que, apesar do caos, dos antagonismos nacionais e da “barbárie” ameaçadora, existia uma unidade profunda, espiritual, moral e cultural.

Outros, como Max Scheler (1874-1928), deploram, de igual modo, a decadência das forças morais, culturais e religiosas da Europa. Este autor define o “bom europeu” e contrapõe a ideia de “europeanismo” às outras civilizações.

A Europa não é geográfica, nem racial, mas a sua unidade radica no amor. Deste modo, Scheler confere à Europa, como “comunidade de amor e de espírito”, toda a sua dignidade e grandeza⁹. Ele reconhecia, porém, que a reconstrução cultural da Europa se faria na base de princípios e práticas morais, mas denunciava, no entanto, uma série de perigos: o positivismo, o nacionalismo, a supremacia do Estado. Dito por outras palavras, a renovação europeia exigiria uma verdadeira conversão interior fundada na vida espiritual eivada de valores ancestrais: o cristianismo agustiniano e o espírito artístico, literário, científico, do Ocidente moderno¹⁰.

Espírito cosmopolita, Hermann von Keyserling (1880-1946), um intelectual, um aristocrata e um apátrida, escreve o seu ensaio *Der Spektrum Europas (Análise espectral da Europa – 1920)*. Esta obra é coincidente, em termos temporais, com a criação da Sociedade das Nações. A concepção europeísta de Keyserling inscrevia-se na validação da unidade, mediante o respeito pelos estados nacionais, frente aos Estados Unidos e ao “império russo”¹¹.

Por sua vez, Ernst Robert Curtius (1886-1956) exalta a tradição humanista ocidental e descreve a Europa como “comunidade espiritual de vida”. Esta ideia de uma visão personalista, de uma mutação interior do indivíduo, presente, de uma forma mais sistemática, em Max Scheler¹², reaparecerá também no pós-II Guerra Mundial. Ainda na mesma linha, segundo Rudolf Pannwitz, desalienar o homem, construir a Europa, criar o Homem Europeu – o da Terceira Europa – são as coordenadas do futuro europeu. Com efeito, no ideário deste autor (*Der Übergang von Heute zu Morgen*), a crise da Europa era de índole essencialmente moral.

Em suma, a reflexão destes intelectuais alemães, entre outros que poderíamos citar, exalta, por um lado, o humanismo fundado nos valores da cultura e o papel do homem ocidental no mundo e na história e, por outro lado, releva a identidade europeia por oposição a outras civilizações. Na verdade, eles prestam particular atenção e dão grande importância a uma visão idealizada da Alemanha e ao seu importante e necessário papel na Europa.

⁹ Max Scheler, *Die geistige Einheit Europas und ihre politische Forderung. (Der Genius des Krieges und der deutsche Krieg)*, Leipzig, 1915, p. 279.

¹⁰ Max Scheler, *Vom kulturellen Wiederaufbau Europas* (1917). Apud Jean Nurdin, *art. cit.*, pp. 268-269.

¹¹ *L'Europe? L'Europe*. Textes réunis par Pascal Ory, *cit.*, pp. 208-257.

¹² Veja-se, sobre o assunto, Jean Nurdin, “Rudolf Pannwitz ou le retour au paradis georgique”, *Revue d'Allemagne*, t. XXII, n.º 3, Strasbourg, 1990.

O apogeu da crise situa-se, como bem se sabe, na época nazi. A “revolução conservadora” dos anos 20 não tardaria a desembocar no que se designou por “revolução do niilismo”. É já na década de 30 que Thomas Mann proclama o seu *Achtung Europa*, em que evoca a ruína do idealismo, a degenerescência da arte e da moral e a barbárie do homem moderno. É nesta perspectiva que o autor conclui que se o humanismo não conseguir recobrar as suas forças também a Europa não reencontrará “o seu próprio génio”, o mesmo é dizer, a sua autêntica identidade.

Mas não é a crise um fenómeno natural da Europa, um elemento da personalidade que faz dela uma sociedade particularmente aberta? «Le génie de l’Europe – escreve J.-M. Domenach – réside dans son pouvoir alterné de déstructuration et de restructuration»¹³. De facto, a ideia de crise associa-se à de decadência que remonta, como bem se sabe, aos fins do século XVIII, que se aprofunda e generaliza nas décadas finisseculares de oitocentos e se acelera com os grandes conflitos mundiais e o choque dos nacionalismos. Relembre-se, por exemplo, que Edgar Morin define a Europa não por uma essência, mas pelo conflito, pela divisão, pela oposição dos contrários que conduz a uma complementaridade recíproca num movimento que ele apelida de “dialógico”¹⁴.

Mas se a crise é uma particularidade europeia, o mesmo é dizer, a sua própria essência, não será ela também o seu motor? É que a própria consciência de crise, que é positiva, permite à Europa transformar a sua decadência numa dinâmica da sua própria regeneração.

Não admira, desta forma, que no período entre as duas Grandes Guerras tenham surgido tantas reflexões e profundos debates sobre o sentimento de crise e sobre o declínio da Europa e do Ocidente¹⁵.

A Paz... entre as duas guerras

Para além do que atrás foi exposto, importa sublinhar que a I Guerra Mundial suscitou em muitos intelectuais uma crescente e forte atitude antibelicista. E não só. Esta

¹³ J.-M. Domenach, “Identité culturelle française et identité culturelle européenne”, *France-Forum*, n.º 252, avril-juin, 1989, pp. 2-9.

¹⁴ Edgar Morin, “Pari sur l’improbable Europe”, *La Revue Nouvelle*, avril, 1989, pp. 22-23.

¹⁵ Apontemos alguns exemplos já referidos e outros não citados neste texto: G. Ferro, *La vecchia Europa e la nuova* (1918); Oswald Spengler, *Der Untergang des Abendlandes* (1918); Henri Massis, *Défense de l’Occident* (1927); René Genon, *La crise du monde moderne* (1928); Drieu La Rochelle, *Le jeune européen* (1928); Lucien Romier, *L’homme nouveau* (1929); L. Ziegler, *Der europäische Geist* (1929); Sigmund Freud, *Das Unbehagen in der Kultur* (1929); Edouard Herriot, *Europe* (1930); Paul Valéry, *Variété I* (1930); Karl Jaspers, *Die geistige Situation der Zeit* (1931); Jules Romains, *Pour que l’Europe soit* (1931); Hilari Beloc, *The crisis of our civilisation* (1937); Cf. Jean-Baptiste Duroselle (dir.), *L’idée d’Europe dans l’histoire*, Paris, Denöel, 1965, p. 284.

geração de pioneiros projecta e sistematiza ideias e proposições que serviriam de matriz a gerações vindouras. Porém, a Europa é ainda uma ideia, sem dúvida estimulante, não só pelas instituições futuras a criar, mas também pelo seu passado, pela sua história, pela questão da sua unidade.

É a chamada “geração de fogo” que tenta ultrapassar, com os seus princípios e sistemas, a crise da Europa, o declínio do Ocidente. Consequentemente, a vontade de unir a Europa é também fruto da tomada de consciência de uma visível fragilidade em relação ao mundo exterior. A guerra era então sinónimo de traumatismo.

Sobre a fragilidade da civilização europeia, outros *clerics* reflectiram, como Paul Valéry (1871-1945) o fez circunstanciadamente na Conferência da Paz, realizada em 1919, na sua intervenção intitulada *La Crise de l'Esprit*.

Saliente-se, por exemplo, que o escritor Romain Rolland (1866-1944) fazia já um diagnóstico da tessitura europeia no seu artigo *Au-dessus de la mêlée* (1914), publicado no *Journal de Genève*, e em *La route qui monte en lancets* publicado na revista *Europe*, que fundou em 1923. Anunciava que um dia, que já não tardava, a união das nações do Ocidente seria o embrião gerador de uma nova Pátria. E pela sua argumentação depreende-se que ela não era senão uma etapa no caminho que conduziria a uma Pátria mais ampla – a Europa.

Muito concretamente, Jules Romains (1885-1972), que empregava já o termo europeísmo, em 1915, apelava à criação de um grande partido europeu. Assim o manifesta nos seus poemas *Europe* (1915) ou *Pour que l'Europe soit* (1931). O seu programa de acção explana um projecto unificador através da união aduaneira, de um banco europeu, de um sistema monetário comum. Recorde-se que este escritor militou, com outros pioneiros europeus, no movimento em prol da paz. Não deve, pois, surpreender que tenha manifestado o seu incondicional apoio a Coudenhove-Kalergi e a Aristide Briand (1862-1932). Mais tarde, integraria mesmo a União Europeia dos Federalistas e viria a tomar uma atitude enérgica a favor da CED (1954).

É neste horizonte que se deve compreender que Jules Romains, autor do romance *Les hommes de bonne volonté* (1932-1946), ao contrário de Romain Rolland, não abandonasse a sua luta europeísta, após a II Guerra Mundial, e ocupasse uma posição singular ao lado dos federalistas.

Pode dizer-se que é notória a influência destes autores no mundo estudantil português nos anos 30, tributário da lição destes intelectuais franceses. Basta, para tanto, ler o número especial da revista *Vértice* de Dezembro de 1946¹⁶, que dá particular atenção à cultura francesa, aos autores franceses, entre outros, a Romain Rolland.

Envolvido no combate pela Europa, Julien Benda (1867-1956) pronuncia o seu famoso *Discours à la nation européenne* (1933) e, na sua célebre obra *La Trahison des clercs* (1927), chamara já a atenção para a responsabilidade dos intelectuais no processo da construção da Europa. Mas, como claramente afirma, é necessário não esquecer os “valores morais e estéticos”. No seu pensamento, «les hommes dont la fonction est de défendre les valeurs éternelles et désintéressées, comme la justice et la raison, et que j’appelle les clercs, ont trahi cette fonction au profit d’intérêts pratiques»¹⁷. De facto, este autor revela-se profundamente céptico em relação ao liberalismo ocidental que, na sua visão crítica, se fundamentava numa concepção errada de humanismo. Esta tese explica o seu criticismo, o seu pessimismo caldeado, todavia, pela legitimação da verdadeira tarefa do intelectual (missionário) – espiritualizar a Europa.

Por sua vez, José Ortega y Gasset (1883-1955), em *La Rebelión de las masas* (1929), caracteriza todo o bom intelectual, alemão, inglês, francês ou de outras nacionalidades, como aquele que não se realiza na estreiteza dos limites nacionais. Ou seja, contra os nacionalismos, Ortega y Gasset propunha a construção de uma grande nação europeia. Fundador da revista *Ocidente*, estimulava os intelectuais, à semelhança de Julien Benda, a assumir uma missão última – a de “fazer a Europa”.

Para o filósofo madrileno, a Europa das tradições e de hábitos comuns existia para além das sensibilidades

¹⁶ *Vértice, Revista de Cultura e Arte*. Número especial dedicado à cultura e arte francesas, vol. III, n.ºs 40-42, Dezembro, 1946.

¹⁷ Veja-se Julien Benda, *La Trahison des clercs*, Grasset, Paris, 1927, pp. 131-132. Leia-se também *Discours à la nation européenne* (1933). Cf. *L’Europe? L’Europe.*, cit., pp. 301-362.

nacionais diversas e, por essência, efémeras. Com efeito, em 1937, esta atitude mantinha-se e Ortega evocava a unidade da Europa. A verdade, porém, é que as considerações teóricas deste pensador espanhol, entre outros a que poderíamos aludir, resultam mais do comentário histórico e filosófico do que do militantismo pró-europeu. Muito céptico em relação aos homens de Estado, crítico do atomismo político, para Ortega, tal como para Benda, a terapêutica para a degenerescência das sociedades modernas, consolidada pela emergência do “homem-massa”, ou seja, da sociedade massificada, seria e deveria ser ministrada pelos intelectuais¹⁸.

Refira-se ainda, entre tantos outros casos, o de Carlo Sforza (1872-1952), político, embaixador de Itália em França, que foi, com o filósofo liberal Benedetto Croce, uma das grandes vozes antifascistas no exílio. Os seus artigos sobre os *Estados Unidos da Europa* beberam inspiração nos escritos e na acção revolucionária do “herói” italiano Mazzini, fundador do *Giovine Europa* (1834).

Depois do que muito sinteticamente ficou exposto, perguntar-se-á: que contactos, que sociabilidade, que cumplicidade existiam entre os intelectuais que tomavam posição a favor da(s) ideia(s) de Europa?

Constelações europeístas – união e diversidade

Trabalhos recentes¹⁹ deixam bem claro que nas primeiras décadas do século XX há grande riqueza e visível diversidade nas constelações europeístas. A esta luz, pode falar-se, a título de exemplo, do Instituto Internacional de Cooperação Cultural, criado em Paris em 1926, presidido por Henri Bergson (1859-1941), da responsabilidade da Sociedade das Nações. Que objectivos tinha? Desenvolver a colaboração da *intelligentsia* europeia e contribuir para a aproximação dos povos, arquitectura esta, assim se entendia, imprescindível à paz. De novo, em 1933, muitos nomes das letras se reúnem num Congresso, em Paris, sob a presidência de Paul Valéry, e aí avultam participantes como Julien Benda, Hermann von Keyserling, Jules Romains,

¹⁸ José Ortega y Gasset, *La Rebelión de las masas*, 1929. Veja-se Daniel Salvatore Schiffer, *Grandeur et misère des intellectuels. Histoire critique de l'intelligentsia du XX^{ème} siècle*, Monaco, Éditions du Rocher, 1998, pp. 193-194. Leia-se, ainda, Carlos Serrano, Serge Salaün, *Temps de crise et “années folles”. Les années 20 en Espagne (1917-1930). Essai d'histoire culturelle*, Paris, Presses de l'Université de Paris – Sorbonne, 2002.

¹⁹ Entre outros, veja-se Elisabeth du Réau, *L'idée d'Europe au XX^{ème} siècle*, cit., Bruxelles, Éditions Complexe, 1995, pp. 73-75. Leia-se também Daniel Salvatore Schiffer, *ob. cit.*, pp. 181-195; Philippe Buton, *Une histoire intellectuelle de la démocratie 1918-1989*, Paris, Éditions Seli Arslan, 2000, pp. 99-118.

²⁰ Veja-se Maria Manuela de Bastos Tavares Ribeiro, *A Ideia de Europa. Uma perspectiva histórica*, Coleção *Estudos Sobre a Europa*, n.º 3, CEIS20, Coimbra, Quarteto Editora, 2003.

²¹ Yannick Muet, *Le débat européen dans l'entre-deux-guerres*, Paris, Economica, 1997, p. 40 e *L'identité culturelle, laboratoire de la conscience européenne. Actes du Colloque international organisé à l'Université Franche-Comté les 3,4 et 5 novembre 1994*, réunis et édités par Maritta Gilli, Paris, Diffusion Les Belles-Lettres, 1995, pp. 129-136. Elisabeth du Réau, *ob. cit.*, pp. 90-94 e *L'idée européenne dans l'entre-deux-guerres*, recueil de textes de Michel Dumoulin par Yves Stelandre, Academia, Louvain-la-Neuve, 1992, *passim*.

²² C. F. Heerfordt, *Et myt Europa I*, 1924. Apud Yannick Muet, *ob. cit.*, p. 19.

entre outros²⁰, que reflectem sobre “L’avenir de l’esprit européen”.

Em 1919, formara-se um grupo em que se destacaram Stefan Zweig (1881-1942), Anatole France (1844-1924), Georges Duhamel (1884-1966). Saliente-se também que na *Nouvelle Revue Française* (NRF), de 1932, de incontável propensão teórica, figuram André Gide (1869-1951) e Jacques Rivière (1886-1925). Outros intelectuais preferiram, todavia, um círculo mais político, como é o caso do de Louise Weiss e de *L’Europe nouvelle*, semanário fundado pela escritora e jornalista Louise Weiss, em 1918, e que se dirigiria até 1934. Louise Weiss (1893-1983), uma das vozes de combate pelos direitos cívicos das mulheres, fez dessa revista uma autêntica “bíblia” dos diplomatas e políticos franceses. De cunho acentuadamente universalista, os seus artigos têm como núcleo essencial a cooperação cultural internacional, sobretudo europeia. Editorialista, conhecida como a “Virgem da Paz”, fundaria ainda a *Nouvelle École de la Paix*, em 3 de Novembro de 1930. As *Mémoires d’une Européenne* (6 tomos) são da autoria desta alsaciana, nascida em espaço fronteiriço, judia mas luterana, que foi eleita deputada ao primeiro Parlamento Europeu de Estrasburgo, em 1979²¹. Com o título *Et myt Europa I*, publicado em 1924, o dinamarquês Christian Frederik Heerfordt (1871) alvitra uma união europeia que ele próprio designava por Estados Unidos anglo-europeus, ou seja, que integravam a Grã-Bretanha, e os estados norte e sul americanos²².

Numa tentativa de evitar um segundo grande conflito tinha sido já criado, em 1920, em Viena, o movimento de organização da paz, *Kulturband*, no mesmo ano em que se inaugurara a Sociedade das Nações (SDN). Não admira, portanto, que, por exemplo, em 1925, tenha saído a lume, da responsabilidade do Príncipe Carlos de Rohan, a *Europäische Revue*, que se propunha formar a consciência dos homens cultos para a ideia da unidade espiritual da Europa.

Situado num horizonte ideológico similar, Richard Coudenhove-Kalergi (1894-1972) publicava em Viena, em Outubro de 1923, um livro intitulado *PanEuropa*, cuja

simbólica – cruz vermelha e sol dourado – traduzia a união das civilizações grega e cristã, o ideal supranacional do movimento medieval cruzadista e a irradiação universalista do espírito europeu.

Os contactos de Kalergi com Louise Weiss e com outras personalidades, através do Gabinete Central da União Paneuropeia, em Viena, fizeram eco do movimento paneuropeu, em particular nos meios de esquerda e com o apoio de lojas maçónicas. A organização económica da Europa, através de uma união aduaneira europeia, o modelo confederal e a salvaguarda da paz são, em síntese, a orientação basilar desse movimento. Recorde-se também que Kalergi elaborou um projecto de constituição europeia – o *Manifesto Paneuropeu*, em 1924, e inaugurou, em Berlim, em 1926, o I Congresso da União Paneuropeia. O segundo Congresso ocorre, pouco depois, em 1930. No primeiro, estiveram presentes europeístas como Aristide Briand, Miguel Unanuno, Paul Valéry, Carlo Sforza, Winston Churchill, Thomas Mann, Konrad Adenauer, Ortega y Gasset, Salvador Madariaga²³. Ora, é no dia 1 de Maio de 1930 que Aristide Briand (1862-1932) apresenta o célebre *Memorandum* da União Europeia, inspirado nas ideias confederalistas de Kalergi, mas também dos revolucionários italianos Mazzini e de Cavour. É verdade que as opções políticas de Aristide Briand variaram da esquerda para posições mais moderadas. Foi galardoado com o Prémio Nobel da Paz em 1926 e, no seu *Memorandum*, concebia uma Europa política assente numa confederação europeia. O seu projecto, que subordinava claramente o económico ao político, suscitou reservas num momento em que a crise económica se agudizava. Briand morre em 1932 e o crescendo das tensões internacionais não propiciava a concretização efectiva da unidade europeia. Porém, a sua mundividência insuflou esperanças nos federalistas e alentou o fervor dos movimentos das Resistências²⁴.

Não será excessivo concluir que de todas as organizações pró-europeias aparecidas depois da I Guerra Mundial, o Movimento Paneuropeu de Coudenhove-Kalergi foi indiscutivelmente o mais espectacular, e certamente o mais

²³ Salvador Madariaga (1886-1978), professor, diplomata, escreveu em 1933 a obra *Un espíritu europeo* e foi activo militante do Movimento Europeu. No âmbito das suas preocupações emerge a necessidade da criação de instituições culturais que, na sua óptica, dinamizariam o diálogo numa Europa plural.

²⁴ François Saint-Ouen, *Les grandes figures de la construction européenne*, Genève, Georg Éditeur, 1997 e Henri Michel, B. Mirkine-Guetzévitch, *Les courants de pensée de la Résistance*, Paris, PUF, 1963. Veja-se António Cordeiro Lopes, « A União Federal Europeia na Imprensa Portuguesa (1929-1930) », in *O Federalismo Europeu. História, Política e Utopia*, coord. de Ernesto Castro Leal, Lisboa, Edições Colibri, 2001, pp. 133-142.

activo, pois a Constituição paneuropeia, que propôs em 1923, prefigura, de alguma forma, os actuais Conselhos e Parlamento Europeus.

À luz do exposto, pode afirmar-se que as uniões intelectuais tinham, pois, um fim claramente determinado – vencer a crise da Europa pela organização e associação de elites.

Para além da problematização e do debate dos teóricos e dos escritores no fim do século XIX e na primeira década do século XX, pode dizer-se que é após o conflito de 1914-1918 que se vão traçar orientações concretas do movimento europeu. «Le XIX^{ème} siècle a jeté les bases des diverses figures possibles d'intellectuels en Europe et de la gamme des oppositions entre traditions culturelles nationales», escreve Christophe Charle²⁵.

²⁵ Christophe Charle, *Les intellectuelles en Europe au XIX^{ème} siècle. Essai d'histoire comparée*, Paris, Éditions du Seuil, 1996, p. 308.

Será que a partir de 1914 a ideia de uma Europa dos intelectuais se torna mais utópica que a dos séculos anteriores? É que, na perspectiva de Christophe Charle, os intelectuais dos primórdios do século XX aparecem, na sua maior parte, já dominados por imperativos das dinâmicas sociais e internacionais globais, próprias da época, o que fez com que alguns deles tivessem perdido a autonomia, mesmo frágil, conquistada nas vésperas da guerra. Assim sendo, aquele autor francês afirma: «le procès des autres intellectuels a remplacé, même dans les courants progressistes, la réflexion critique sur les insuffisances de l'ensemble des figures intellectuelles précédentes»²⁶.

²⁶ *Idem, ibidem.*

A verdade, porém, é que no discurso reflexivo desses intelectuais a interrogação tornava-se pertinente: como (re)construir a Europa? Afinal – pode perguntar-se – que propostas e que tendências animaram o debate europeu no domínio cultural e político entre as duas Grandes Guerras? Como já expusemos, a resposta não é unívoca, mas plural.

Em síntese, podem enunciar-se três princípios de orientação do Movimento Europeu no espaço cronológico em análise. Basta reportarmo-nos, por exemplo, ao europeísmo das Resistências. A saber: um de índole política e de âmbito bem abrangente, segundo o modelo de *Paneuropa* (1923), patente ainda nos discursos de intelectuais e de políticos

sobre os *Estados Unidos da Europa* e a solução federalista. Uma outra orientação, de carácter essencialmente económico, aponta para a formação de um mercado europeu e, nesta, é assinalável a influência de John Maynard Keynes (1883-1945), cujas doutrinas foram claramente explanadas na sua obra *The Economic Consequences of Peace* (1919). Uma terceira via prende-se, de forma particular, com as relações culturais intereuropeias.

Do que atrás foi dito, pode comprovar-se quão fecunda foi a reflexão dos intelectuais sobre o destino europeu nos anos difíceis dos princípios do século XX. Olhar individual, mas também olhar plural. Há, pois, que sopesar, repetimos, o significado assinalável das tentativas de cooperação desses intelectuais. Relembrem-se os congressos realizados, as publicações dadas a lume, as comissões internacionais organizadas e a profusa edição de revistas. Entre tantas outras, *L'Europe nouvelle* (1918), semanário coordenado por Louise Weiss, ou a revista *Esprit* (1932), redigida por Emmanuel Mounier, ou *Ordre Nouveau* (1933), da responsabilidade do suíço Denis de Rougemont (1906-1985).

De igual modo, nas primeiras três décadas do século passado ganham forma várias associações sob o impulso do Movimento Europeu, alimentadas, em grande parte, pela irrupção mais fértil da ideia de federação europeia.

Em oposição à visão hegemónica do fascismo italiano e do nazismo, as Resistências, pese embora a índole ideológica diversificada, expressam reacções, definem estratégias e põem a tónica no carácter democrático da futura Europa unida²⁷.

Em suma, a Europa jazia ainda embrionariamente como ideia, muito embora estimulante, sem dúvida, não só pelas instituições futuras a elaborar, mas também pelo seu passado, pela sua história e pela sua almejada unidade²⁸.

Os olhares dos intelectuais portugueses

A Europa é vista, no século XIX, por intelectuais portugueses, entre eles Faustino José da Madre de Deus, como Ente Moral. No entanto, para Eça de Queirós (1855-

²⁷ Maria Manuela Tavares Ribeiro, *arts. e ob. cit.*

²⁸ Jean-Marie Domenach, “L’idée européenne dans les années trente”, in *Identités nationales et conscience européenne. Colloque organisé par le BILD du 19 au 21 octobre 1988*, Documents, Paris, 1, 1989, p. 112.

²⁹ Eça de Queirós, *Notas Contemporaneas*, Porto, Livraria Chardron, 1909, p. 213.

³⁰ Veja-se Martim de Albuquerque, “Primeiro ensaio sobre a história da ‘Ideia de Europa’ no pensamento português”, in *Estudos de Cultura Portuguesa*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, pp. 249-350 e “Portugal e a Consciência da Europa”, *Oceanos*, nº 16, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Dezembro, 1993, pp. 13-23. Veja-se ainda Luís Reis Torgal e Maria Manuela Tavares Ribeiro, “Portugal e a Integração Europeia”, in *Europa Unita e Didattica Integrata. Storiografie e Bibliographie a Confronto*, a cura di Ariane Landuyt, Siena, Protagon Editori Toscani, 1995, p. 132.

³¹ Fernando Pessoa, “A dos Castelos”, in *Mensagem*, 10.ª ed., Lisboa, Edições Ática, 1972, p. 21.

-1911), mais do que um Ente Moral, a Europa é um corpo com alma. Ou seja, um grande corpo simbólico em que cada pátria é uma forte qualidade física ou uma ambição inteligente da alma. Cabia a Portugal, a seu ver, a vigorosa acção vital, o movimento espontâneo, a decisão violenta do sangue. É que, na linguagem queirosiana, «a crise é a condição quase regular da Europa. E raro se tem apresentado o momento em que um homem, derramando os olhos em redor, não julgue ver a máquina a desconjuntar-se, e tudo perecendo, mesmo o que é imperecível – a virtude e o espírito»²⁹.

Mas se os demoliberais, socialistas e republicanos portugueses definiram a ideia e sonharam utopicamente com a formação dos Estados Unidos da Europa (António Pedro Lopes de Mendonça (1826-1865), José Félix Henriques Nogueira (1823-1858), Antero de Quental (1842-1891), Eça de Queirós (1855-1911), Oliveira Martins (1845-1894), Sebastião de Magalhães Lima (1850-1928), entre outros) foram os modernistas que melhor a caracterizaram³⁰.

Assim, para Fernando Pessoa, o rosto da Europa é Portugal que fita o Ocidente, que olha com nostalgia o mar, “o imaginário complementar da unidade ontológica portuguesa”. Como a define no poema *O dos Castelos*, no início da sua obra *Mensagem*:

*«A Europa jaz, posta no cotovelo:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos Gregos lembrando.*

*O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é um ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra, onde afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.*

*Fita, com olhar esfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado*

O rosto com que fita é Portugal»³¹

Sobre a questão da Europa, a Fernando Pessoa não falta o vigor da ideia e a força da palavra, mas também não lhe é estranho o humor. É que a Europa, vê-a o poeta, de certo modo, na dimensão do seu desejo: ambiciosa, sedenta de criação, capaz de reinventar novos mitos, dado que a lenda pode tornar eterna a realidade³². Leia-se, por exemplo, este excerto do *Ultimatum* (1917):

«A Europa tem sede de que se crie, tem fome de Futuro! A Europa quer grandes Poetas, quer grandes Estadistas, quer grandes Generais. Quer o Político que construa conscientemente os destinos inconscientes do seu Povo... – A Europa quer Donos! O Mundo quer a Europa... A Europa quer passar de designação geográfica a pessoa civilizada... Eu, ao menos, sou bastante para indicar o Caminho! Vou indicar o Caminho.»

Também Almada Negreiros (1893-1970) manifestou, nos seus dois ensaios publicados nos Cadernos *Sudoeste* (Junho de 1935), que a Europa, como Prometeu, tem desejo de conhecimento. Sustenta, sem dúvida, uma concepção mais abstracta da Europa. Na sua óptica, ela é sinónimo, de “expressão espiritual”. São sugestivas as suas palavras:

«O Enigma da Europa?! Sim, o Enigma da Europa. A Europa tem sobretudo o sentido unanimista da vida... Isto é, a Europa funciona como uma verdadeira eternidade que o é, na renovação do seu todo espiritual... É o heroísmo de Prometeu em marcha, a levantar sucessiva e simultaneamente nas terras da Europa e do mundo os infinitos génios da humanidade universal... Esta característica unanimista da Europa é orgânica, faz parte integrante do próprio corpo europeu, é o seu sangue que corre em suas próprias veias e artérias... Nós europeus somos da raça da Europa, da raça de Prometeu, da carne e osso de Prometeu, da raça igual a cada um de nós, da raça fundada à nossa imagem, para sofrer, chorar, viver e sentir a alegria»³³.

³² Álvaro de Campos, “Ultimatum”, in *Portugal Futurista*, Lisboa, s. e., Novembro, 1917, pp. 30-34.

³³ Almada Negreiros, *Sudoeste I. Europa e Portugal*, Lisboa, Contexto Editora, 1935, p. 21 (edição facsimilada).

Ao antever uma união europeia bloqueada, anos mais tarde, Adolfo Casais Monteiro (1908-1972) interrogar-se-ia:

«Europa, sonho futuro!... Europa, ó mundo a criar!... a paz do 'lar comum', virá um dia?». É o próprio autor que responde: «Europa, tu virás só quando entre as nações/ o ódio não tiver a última palavra,/ ao ódio não guiar a mão avara,/ à mão não der alento o covo som de enterro/ dos cofres digerindo o sangue do rebanho/ – e do rebanho morto, enfim à luz do dia,/ o homem que sonhaste, Europa, seja vida!.»³⁴

³⁴ Adolfo Casais Monteiro, *Europa*, s. l., Editorial Confluência, [1946], pp. 13-15. Cf. Martim de Albuquerque, “Primeiro ensaio...”, *cit.*, pp. 249-350. Veja-se também Jorge Borges de Macedo, *Portugal – Europa para além da circunstância*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988 e José Augusto Seabra, *Portugal face à Europa. Um horizonte cultural*, Porto, Athenas, 1977, *passim*.

³⁵ R. M., “Estados Unidos da Europa”, *Seara Nova*, n.º 96, 22 de Julho de 1926, p. 467. Cfr. “Seara Nova, Antologia”, in *Testemunhos Contemporâneos*, Lisboa, Edições Alfa, 1990, p. 52.

³⁶ Emílio Costa, “Estados Unidos da Europa e Patriotismo de Pé Atrás”, *Seara Nova*, n.º 200, 13 de Fevereiro de 1930, pp. 123-124. Leia-se os estudos de António Ventura, *Entre a República e a Acracia. O Pensamento e a Acção de Emílio Costa* (1897-1914), Lisboa, Edições Colibri, 1995 e *Republicanos, Anarquistas e Socialistas. A convergência possível* (1892-1910), Lisboa, Edições Cosmos, 2000. Cf. António Cordeiro Lopes, *art. cit.*, p. 142.

Dir-se-á que na Europa, na década de 20, se procurou a reconciliação e, mais do que isso, indicaram-se os caminhos para consolidar a tão desejada paz. Nesta linha, também os articulistas portugueses da *Seara Nova* não só propalaram com insistência esse ideal como apelaram à união dos intelectuais. Lembre-se, entre outros, António Sérgio (1883-1969), Jaime Cortesão (1884-1960), Raúl Proença (1884-1941), Aurélio Câmara Reis (1885-1961), Emílio Costa (1897-1914), José Rodrigues Miguéis (1901-1980). Assim, quando, em Agosto de 1926, de novo se reflectiu sobre a temática dos Estados Unidos da Europa, o seareiro Rodrigues Miguéis contrapunha à panaceia da queda das fronteiras um internacionalismo assente no desaparecimento dos grandes blocos e na solidariedade dos povos³⁵. Autores vários, como Emílio Costa, apontavam as virtudes da unidade económica, os benefícios da abolição de barreiras alfandegárias e, sobretudo, valorizavam o espírito europeu. Este era a garantia de uma aspiração de grande melhoria de vida dos Povos da Europa e, primordialmente, uma caução para se atingir e consumir um bem maior – a paz³⁶.

O caso de António Sérgio, como bem analisou Campos Matos, é duplamente sintomático, dada a sua formação de raiz europeia e a profunda influência que exerceu sobre a elite intelectual portuguesa. Preocupado com a pedagogia e a política, o autor dos *Ensaio* (1971) é um homem de mentalidade europeia mas, mais do que isso, é um “cidadão

do mundo”. Nesta linha, a interrogação faz sentido: como poderia esperar-se deste autor «a adesão a uma Europa que tão longe estava ainda de ser continente de cidadãos do mundo?»³⁷.

Por sua vez, Jaime Cortesão, ao reconhecer a nova e importante acção mediadora da Sociedade das Nações, exprime o seu pessimismo em relação à concepção idealista dos Estados Unidos da Europa. Comunga, sim, de um espírito universalista ou, como refere, de um «anseio de pura e livre humanidade»; e – acrescenta: – «curvamo-nos, com fervor, perante esse espírito de amor, de justiça e sacrifícios activos»³⁸.

Acérrimo crítico do fascismo, apóstolo do domínio do Espírito sobre a Matéria, Raúl Proença desenvolve uma intensa campanha democrática na *Seara Nova* e confessa expressamente: «Urge que movimentos anti-fascistas, formidáveis, se organizem em toda a Europa. É preciso começar por atacar decisivamente essa influência. Se deixássemos desenvolver os fascismos nacionais... Seria talvez a ruína, por muitos séculos, de toda a civilização»³⁹.

Tal como Raúl Proença e Jaime Cortesão, estes homens da revista *Seara Nova* não nos deixaram estudos sistemáticos sobre a ideia de Europa, escreveram alguns artigos, expressaram algumas e esparsas ideias, mas assumiram-se, no entanto, como porta-vozes de conceitos, de princípios, de teses sobre uma questão tão candente nos anos 20. É certo que eles se preocuparam com o sentido ecuménico e universalista dos povos, mas no seu ideário não estão ainda perfeitamente delineados modelos para o processo da construção europeia. De qualquer modo, em particular Cortesão e Sérgio transmitiram, sem dúvida, uma interpretação da história nacional marcadamente europeísta, a que está subjacente um certo modelo europeu de evolução social e económica, à luz do qual perspectivaram a problemática nacional portuguesa.

A voz das mulheres

De igual modo, neste mesmo período cronológico em que se enquadra esta análise, na conjuntura portuguesa,

³⁷ Sérgio Campos Matos, “António Sérgio europeísta”, in *A Construção da Europa*, coord. de Sérgio Campos Matos, Lisboa, Edições Colibri, 1999, p. 147.

³⁸ Jaime Cortesão, “Sociedade das Nações – A Conferência de Locarno e as Colónias Portuguesas”, *Seara Nova*, Lisboa, n.º 63, 5 de Dezembro de 1925, p. 46, n.º 66, 26 de Dezembro de 1925, p. 68.

³⁹ Raúl Proença, “O Fascismo e as suas repercussões em Portugal”, *Seara Nova*, Lisboa, n.º 77, 6 de Março de 1926, p. 89. Cf. Júlia Cristina Leitão Florêncio, *A Ideia de Europa – Jaime Cortesão, Raúl Proença, António Sérgio*, Coimbra, Faculdade de Letras, 2001 e Sandra Isabel Pinto Silva, *A Europa no ideário seareiro (1921-1940)*, Coimbra, Faculdade de Letras, 2001 (trabalhos dactilografados realizados no âmbito do Seminário de História das Ideias, do Mestrado de História Contemporânea, coordenado pela Prof.ª Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro). Veja-se António Rafael Amaro, *A Seara Nova nos anos vinte e trinta (1921-1939). Memória, Cultura e Poder*, Viseu, Universidade Católica Portuguesa, 1995, pp. 64-82 e Eduardo Prado Coelho, “A Crise da Europa e a Democracia”, in *Seara Nova. Razão. Democracia. Europa. Textos e Contextos*, Porto, Campo das Letras, 2001, pp. 308-323.

mulheres houve para quem ganhava sentido e particular interesse a problemática da sua época. Assim, na alocução proferida na Semana da Junta Patriótica do Norte, em 25 de Junho de 1931, Ana de Castro Osório (1872-1935) sublinha a obra da Cruzada das Mulheres Portuguesas (assistência, apoio aos soldados, aos órfãos) e sublinha que a guerra era o «empurrão necessário no levantamento das energias latentes para o renascimento desta grande Pátria... e a marcação do nosso direito de potência colonial a ser considerada entre as primeiras do mundo... mas para esta obra esperávamos o concurso da mulher portuguesa que, se fosse educada e culta, podia – e há-de ser – um dos maiores e melhores elementos do ressurgimento nacional»⁴⁰. Para esta republicana, a mulher dedicar-se-ia à grande consagração das obras patrióticas após a I Guerra Mundial. E é da «federação – acentua – que nos é lícito esperar para o ressurgimento da Nação portuguesa». Mas essa missão era, na sua perspectiva, «dirigir moralmente, disciplinar severamente, educar para o trabalho o futuro povo de uma grande Pátria»⁴¹. É verdade que esta intervenção política feminina passou de certa forma pela Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (1909-1919)⁴².

Como bem se sabe, nos anos vinte, o movimento feminista reorientou as suas reivindicações para as questões mais específicas da educação, da assistência, dos direitos da criança, do abolicionismo. Assim sendo, a intervenção política parece perder espaço num período de instabilidade social, económica e governativa⁴³.

Com isto não se quer dizer que mulheres, como Adelaide Cabete (1867-1935), não se envolvessem mais directamente na vida política. Representante portuguesa nos encontros femininos, ela funda o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914) que edita o jornal *Alma Feminina*⁴⁴. Também Aurora de Castro e Gouveia, na revista *Vida Feminina*, em 1925, defende, com clareza, a participação da mulher na política e na magistratura. Na década de 30, os esforços de propaganda feminista e a activa participação das mulheres a nível político passa pela pena de Elina Guimarães, jovem advogada e autora assídua de uma página

⁴⁰ Ana de Castro Osório, *Realizações e possibilidades*, Porto, Edição da Junta Patriótica do Norte, 1932.

⁴¹ *Idem, ibidem*.

⁴² João Gomes Esteves, *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Uma organização política e feminista (1909-1919)*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, 1991.

⁴³ Paulo Guinote, *Quotidianos Femininos (1900-1933)*, vol. II, Lisboa, s. ed., 1998, p. 79.

⁴⁴ Adelaide Cabete, *O Congresso Internacional Feminista de Roma (Relatório da delegada oficial do Governo Português)*, Lisboa, Oficinas Gráficas do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, 1926, p. 6. Cf. Alda Pereira da Silva, *Adelaide Cabete, alma de mulher*, Lisboa, C. M. L., 1997.

no *Portugal Feminino*, publicação dirigida por Maria Amélia Teixeira. Outra forma de intervenção digna de registo era o ingresso na maçonaria (Ana de Castro Osório, Adelaide Cabete, Aurora de Castro Gambôa, Vitória Pais Madeira filiaram-se nas lojas *Carolina Ângelo*, *Humanidade e Humanidade dos Direitos Humanos*)⁴⁵.

Quer no âmbito da Liga das Mulheres Republicanas, quer do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914), quer da Cruzada das Mulheres Portuguesas (1917), quer dos Congressos feministas (o 1.º, em 1924, em Lisboa), quer das revistas *Alma Feminina*, *A Semeadora*, *A Madrugada*, entre outras, vários são os temas explanados mas o mais recorrente é, sem dúvida, a questão da paz. Recorde-se que, em 1889, fora criada a Liga Portuguesa da Paz, de que foi presidente Alice Pestana (*Caïel* – 1860-1929), precursora dos ideais feministas e notável pacifista⁴⁶.

Com efeito, essa actividade pública das feministas (Maria Lamas (1893-1983), Teresa Leitão de Barros (1898-1983), Maria Amélia Teixeira, Regina Quintanilha (1893-1967), Aurora de Castro, para além das autoras já citadas), sobretudo após os acontecimentos de 28 de Maio de 1926, era julgada pelos jornais mais conservadores como “terrível” inovação das mulheres portuguesas. Ou seja, a mulher política era então *persona non grata*⁴⁷.

Recorde-se que o pacifismo, na linha de Sebastião de Magalhães Lima (1850-1928), se consubstancia, por exemplo, no pensamento de Alice Pestana (1860-1929), mais conhecida pelo pseudónimo *Caïel*, no ideal de Federação dos Povos. A este propósito esta autora afirmava, de forma bem explícita: «É para essa fraternização dos Estados autónomos que toda a humanidade caminha... – e pergunta – e não é, além de tudo o mais, a fraternização universal a melhor de todas as garantias para uma relativa felicidade individual?»⁴⁸.

A verdade, todavia, é que a mulher intelectual portuguesa, nas primeiras décadas do século XX, ainda se preocupava essencialmente com a educação, base nodal da sua militância cívica e política. À semelhança do ideário de Charles Lemmonier e de Sebastião de Magalhães Lima,

⁴⁵ Fernando Marques da Costa, *A maçonaria feminina*, Lisboa, Vega, s. d., pp. 80-82.

⁴⁶ Maria Regina Tavares da Silva e Ana Vicente, *Mulheres Portuguesas. Vidas e obras celebradas. Vidas e obras ignoradas*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, s.d., pp. 59-68.

⁴⁷ Maria Cândida Parreira, *A mulher na política e a política da mulher*. Conferência realizada no Teatro Nacional em 9 de Dezembro de 1934, Lisboa, Editorial Império, 1935, 17 p.

⁴⁸ *Caïel, Comentário à Vida*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1900 e *La Femme et la Paix. Appel aux mères portugaises*, Lisboa, Imp. Nacional, 1898.

algumas mulheres intelectuais portuguesas desta época propugnavam, com alma, por uma Europa em paz. Não admira, desta forma, que Alice Pestana (*Caïel*) tenha desempenhado o cargo de Vice-Presidente da *Ligue des femmes pour le désarmement international*. O fim supremo da propaganda dos Amigos da Paz era, como para *Caïel*, a consumação do ideal superior – a Federação Europeia. Analise-se, deste modo, esse sentir no significado das suas palavras: «Eu desejo que Portugal que viveu já sangrentas guerras possa ser um caloroso apóstolo do direito internacional moderno. É – acrescenta – um dos meus votos mais ardentes, o que eu estimo como mais patriótico... Mas não nos compete cometer servis imitações. Conservemos a nossa gloriosa raça, as nossas honrosas tradições, a essência nacional»⁴⁹.

⁴⁹ Alice Pestana (*Caïel*), *La Femme et la Paix. Appel aux mères portugaises*, cit., pp. 23, 48, 63. Veja-se Manuela Delgado, “A.A. F. P. P. e a Paz”, *Boletim da Associação Feminina Portuguesa para o País*, n.º 7, Julho, 1950, pp. 16-18. A *Ligue Internationale de la Paix et de la Liberté* tinha sido fundada em 1867, em Berna, sob a direcção de Charles Lemmonier.

A força anímica destas mulheres, intelectuais portuguesas, expressa mais ou menos explicitamente, traduz-se no seu discurso verbal e na palavra escrita, à semelhança de muitas outras, como Louise Weiss. Por vezes, de uma forma apelativa e insistente, na defesa dos ideais supremos de Paz, de União, de Federação dos Povos na Europa. É verdade também que, no seu pensamento, ainda que tão-só de forma implícita, subjaz este denominador comum: a unidade na diversidade, o uno consubstanciado no plural, a especificidade do nacional no todo, pela Federação. Este todo que é Europa.

Conclusão

Em suma, pelo que acabamos de analisar, pode dizer-se que essa Europa em crise ou mesmo esse Ocidente em declínio só poderiam regenerar-se, no sentir de muitos, e de muitos intelectuais nacionais e estrangeiros, pela idealização da Europa, é certo, mas também, segundo uma concepção mais pragmática, pela construção de uma *Nova Europa*. Para uns, uma *Nova Europa* frente a uma *Anti-Europa* que ressurgisse da *Europa trágica*, segundo a expressão de Gonzague de Reynold (*L'Europe Tragique* – 1935). Para outros, uma Europa democrática, reconstruída

numa Comunidade de Nações, como a conceberam “os pais fundadores”.

Os sinais de declínio eram já bem perceptíveis, como acentuámos, muito antes do começo do primeiro conflito mundial. A guerra foi, porém, o detonador e, assim, desferiu o “golpe mortal” à hegemonia da Europa. Por um reflexo quase biológico, muitos intelectuais europeus, como sucintamente se expôs, arvoraram a bandeira do pacifismo radical e foram igualmente os pioneiros, o mesmo é dizer, os agentes promotores e dinamizadores das ideias e dos modelos dos “Estados Unidos da Europa”.

A Matria Europa - **Maria Manuela Tavares Ribeiro**

Miguel Baptista Pereira

Utopia e apocalíptica nos caminhos da existência

Adriano Moreira

A Europa da Utopia e a Outra Europa

Gérard Bossuat

Jean Monnet ou l'anti-utopie

Maria Manuela Tavares Ribeiro

A Europa dos Intelectuais nos alvares do século XX

Maria das Graças Ataíde de Almeida

*A Europa vista por brasileiros nos anos 30.
A visão do paraíso*

Luís Reis Torgal

"Muitas Raças, Uma Nação" ou o mito do Portugal multirracial na "Europa" do Estado Novo

Rui Bebiano

Geografia instável de uma cultura juvenil de oposição

José Amado Mendes

Museologia e identidade: que Europa através dos Museus?

António Simões Rodrigues

*Um manual de História da Europa.
A construção de uma utopia?*

João Rui Pita e Ana Leonor Pereira

A Europa científica e a farmácia portuguesa na época contemporânea

Alfredo Marques

*Integração e disparidades regionais na UE.
Nota sobre a política comunitária de coesão*

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



Fundação Engenheiro António Almeida

ISSN 1645-3530